Ivulgacão ou cultura ?

Das críticas feitas à nossa Revista,
duas há que merecem um breve comen-
tário: a do «Diário de Lisboa» (assin.
João Gaspar Simões), e a de «Portu-
cale», do Porto.

«Diário de Lisboa». — Há na local
do sr. Dr. João Gaspar Simões as se-guintes duas frases: «esta revista [«Sín-tese»] inclina-se mais para a vulgarisa-ção que para a cultura» e «tal divulgação [das ideias de Freud] está feita em ter-mos bastante còmesinhos».
A primeira das frases resulta do con-ceito de cultura que António Sérgio expôs no nosso primeiro número, e que o Dr. Gaspar Simões admite inteira-mente. Ora, o conceito de António Sérgio, para quem a cultura «é uma ginástica espiritual, um trabalho do es-pírito sobre si próprio», é um conceito muito limitado, limitado à ideia de cul-tura em st mesmo, e somente a um as-pecto desta ideia, qual seja o aspecto transcendental, digamos, puramente teó-rico, quási metafísico, da cultura. Se aquela noção de António Sérgio preten-desse ser uma noção concreta, se pre-tendesse abranger a ideia cultura na sua totalidade, a cultura deixaria de ser uma coisa concreta. Equivale tal con-ceito a dizer-se, por exemplo, que «o homem é espírito», quando, na reali-dade, o homem é espírito e matéria,

indissoluvelmente ligados no homem enquanto homem vivo e real, e condi-cionados um ao outro. Não há homem vivo e real sem matéria que o nutra e lhe dê corpo. Da mesma forma, não há cultura (coisa viva e real) sem maté-ria que a nutra. Adoptando este para-lelo, o corpo seria uma parte da cul-tura, a soma de conhecimentos adqui-ridos ; o espírito seria a faculdade ela-

boradora desses conhecimentos, a crítica. Cultura é a soma dos dois. Mesmo
que, sofismando, se tome a parte pelo todo, se confunda cultura e crítica, é evidente que não há crítica sem uma matéria criticável. E que assim, dado o facto X, a introduzir entre nós, antes da crítica é preciso descrever o facto Um conceito assim tão limitado, como
o de António Sérgio, o de Gaspar Simões

o de tantos outros, levar-nos-ia a posições por vezes muito falsas (e na verdade, é o que sucede a cada passo). D

facto, «imaginemos uma teoria A que negue a validade e a legitimidade de processos do pensamento tradicional Como criticar esta teona? Utilisando o pensamento tradicional? Não. O

único processo seria trenscender a teoria posta, e depois criticá-la. Mas par-
tir daquilo que ela precisamente nega

para a criticar, é uma posição impossível. No entanto, é o que, realmente
em parte sucede. Ora, nestas círcuns